

WAGNER FONGARO

**ANÁLISE DE ERROS COMUNS EM JORNAIS E
REVISTAS**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ

SÃO PAULO – SP

2011

WAGNER FONGARO

**ANÁLISE DE ERROS COMUNS EM JORNAIS E
REVISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Latu Senso* em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Roseli Batista de Camargo

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS

NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ

SÃO PAULO – SP

2011

Dedicamos

a minha esposa Thais e filho Gustavo
pela compreensão das horas de ausência.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dra. Roseli Batista de Camargo pela sua inestimável orientação e contribuição.

À Prof^ª Ms. Suely Aparecida Zeoula de Miranda pelas excelentes aulas ministradas.

Aos tutores pelos esclarecimentos e disponibilidade.

Aos amigos do curso de pós-graduação pela agradável convivência e troca de importantes informações.

RESUMO

Neste trabalho, procuramos agrupar os erros mais comuns encontrados em jornais e revistas de uma forma simples e didática, expomos as normas ortográficas e o que se deve ou não usar. Este trabalho tem como finalidade auxiliar todos aqueles que precisam escrever com regularidade, estejam se preparando para exames de redação ou queiram conhecer as principais particularidades da Língua Portuguesa. O trabalho está dividido em quatro partes, a primeira parte apresenta algumas dicas de como elaborar um texto de forma simples e correta. A segunda parte - a mais longa - apresenta verbetes com instruções práticas e teóricas para escrever bem. A terceira parte, os erros de concordância e os erros mais comuns na escrita. E finalmente a quarta parte, duas ilustrações uma com erro de texto e concordância e outra com comentários sobre estrangeirismo da escritora Lya Luft.

SUMÁRIO

1 INSTRUÇÕES GERAIS.....	8
2 INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS.....	9
2.1 Acusações.....	9
2.2 Comparações.....	9
2.3 Declarações textuais.....	10
2.4 Duplo sentido.....	11
2.5 Gíria e linguagem coloquial.....	12
2.6 Ilustrações.....	12
2.7 Muletas.....	13
2.8 Óbvio.....	13
2.9 Ouvir os dois lados.....	13
2.10 Palavras estrangeiras.....	13
2.11 Palavras inexistentes.....	14
2.12 Pleonasma.....	14
2.12.1 Vicioso.....	15
2.12.2 Estilístico.....	15
2.13 Rebuscamento.....	15
2.14 Regionalismos.....	16
2.15 Simplicidade.....	16
2.16 Termos técnicos.....	17
CONCLUSÃO.....	18

REFERÊNCIAS.....	19
ANEXO.....	20
3 ERROS.....	21
3.1 Os cem erros mais comuns na escrita.....	22
4 ILUSTRAÇÕES.....	31

1 INSTRUÇÕES GERAIS

O texto e a edição

Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender a matéria.

Construa períodos com no máximo duas ou três linhas. Os parágrafos, para facilitar a leitura, deverão ter cinco linhas digitadas em média, e no máximo oito. A cada vinte linhas, convém abrir um intertítulo.

A simplicidade é condição essencial do texto. Lembre-se de que você escreve para todos os tipos de leitor e todos, sem exceção, têm o direito de entender qualquer texto. A simplicidade do texto não implica, necessariamente, repetição de formas e frases desgastadas, uso exagerado de voz passiva (*será iniciado, será realizado*), pobreza vocabular, etc. Com palavras conhecidas de todos, é possível escrever de maneira original e criativa e produzir frases elegantes, variadas e fluentes.

Tenha sempre presente: o espaço hoje é precioso; o tempo do leitor também. Despreze as longas descrições e relate o fato no menor número possível de palavras, e proceda da mesma forma com elas: por que opor “veto a” em vez de “vetar”, apenas?

Só recorra aos termos técnicos quando for absolutamente indispensável e nesse caso coloque o seu significado entre parênteses. Procure banir do texto os modismos e os lugares-comuns. Você sempre pode encontrar uma forma criativa de dizer a mesma coisa sem incorrer nas fórmulas desgastadas pelo seu uso excessivo.

Termos coloquiais ou de gíria deverão ser usados com extrema parcimônia e apenas em casos muito especiais (nos diálogos, por exemplo), para não darem ao leitor a idéia de vulgaridade. Faça textos imparciais e objetivos, não exponha

9

opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões. Lembre-se de que os jornais e revistas expõe diariamente suas opiniões nos editoriais, dispensando comentários no material noticioso.

Nas matérias informativas, o primeiro parágrafo deve fornecer a maior parte das respostas às seis perguntas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por quê. As que não puderem ser esclarecidas nesse parágrafo deverão figurar, no máximo, no segundo, para que, dessa rápida leitura, já se possa ter uma idéia sumária do que aconteceu. A correção tem uma variante, a precisão: confira habitualmente os nomes das pessoas, seus cargos, os números incluídos numa notícia, somas, datas, horários, enumerações. Com isso você estará garantindo outra condição essencial, a confiabilidade. Nas versões conflitantes, divergentes ou não confirmadas, mencione quais as fontes responsáveis pelas informações ou pelo menos os setores dos quais elas partem (no caso de os informantes não poderem ter os nomes revelados). Toda cautela é pouca e o máximo cuidado nesse sentido evitará que desmentidos desagradáveis tenham de ser feitos.

2 INSTRUÇÕES ESPECÍFICAS

2.1 Acusações.

Nunca atribua um crime a alguém, a menos que a pessoa tenha sido presa em flagrante (e não haja dúvidas a respeito de sua culpa) ou confessado o ato. A responsabilidade por acusações graves passa toda para a revista ou jornal.

Todo acusado tem o direito de resposta, o ideal é publicar a denúncia e explicação ou a réplica do acusado ao mesmo tempo. Se a simultaneidade for absolutamente impossível (por não se localizar o acusado, por exemplo), não deixe a resposta passar do dia seguinte. Ouvir o atingido pelas denúncias é essencial, mesmo que você tenha a certeza da procedência das informações contra ele.

2.2 Comparações.

Por transmitirem freqüentemente uma imagem afetada, quando não artificial, as comparações devem ser usadas com extremo rigor ou evitadas, o que é sempre

10

mais prudente. Mesmo na linguagem coloquial, recomenda-se cautela. Atente para alguns maus exemplos: *Para sua substituição, há tantas possibilidades quanto estrelas no universo. / A cidade no Natal volta a ficar movimentada como um formigueiro. / As bandas de rock surgem e somem como cogumelos ou definham tão celeremente quanto libélulas.*

2.3 Declarações textuais.

A reprodução de declarações textuais (entre aspas) é importante e valoriza o texto. E principalmente mostra ao leitor que houve preocupação do repórter em escolher opiniões ou frases originais, expressivas, marcantes, de efeito ou espirituosas. É preciso, porém, ter o senso exato da medida: nem declarações textuais em excesso, que dêem ao leitor a impressão de informações derramadas na lauda sem nenhum critério, nem declarações textuais de menos, que não permitam ao leitor ao menos saber se o repórter falou com o entrevistado ou se apenas recolheu informações de segunda mão sobre as suas opiniões.

Procure usar declarações textuais a cada um ou dois parágrafos da matéria. Uma frase por parágrafo já seria uma boa medida e ela funcionaria quase como uma testemunha que confirmasse a história ou fato que o repórter quer levar ao leitor. Exemplo: *A queda de uma barreira provocou congestionamento de 20 quilômetros na Estrada Fernão Dias, próximo ao estado do Paraná. “Foi horrível”, disse a advogada Denise Barros, que ficou presa no trânsito durante quatro horas.* O texto conta uma história e usa a personagem para lhe dar veracidade. O leitor tenderá a confiar mais nas informações que lhe estão sendo transmitidas (não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação).

É preciso, no entanto, saber usar bem as aspas. Veja como a frase seria reproduzida erradamente: *A advogada Denise Barros, que passava pelo local, diz que “foi horrível ficar presa no trânsito durante quatro horas”.* O recomendável: *“Foi horrível”, disse a advogada Denise Barros, que passava pelo local.*

trânsito durante quatro horas.” Repare que não há necessidade de nenhum outro verbo declarativo depois da segunda frase: fica claro que é a mesma pessoa quem fala.

Não coloque nunca ponto para dar continuidade a uma declaração entre aspas. Por exemplo: *“Foi horrível. Fiquei quatro horas presa no trânsito”, disse a*

11

advogada Denise Barros. O certo é quebrar a frase no meio: “Foi horrível”, disse a advogada Denise Barros. “Fiquei quatro horas presa no trânsito.”

Apenas na transcrição de trechos de discursos, pronunciamentos, documentos oficiais, ordens do dia e mais alguns poucos textos como esses, será permitida a inclusão de mais de uma frase entre aspas. Mesmo assim, a indicação virá sempre antes do trecho reproduzido, e nunca depois.

O certo: *Explicou o presidente: “Em 1950, havia dois partidos de um só criador, Getúlio Vargas. Os líderes do PSD não tinham o menor constrangimento em votar no candidato do PTB. Afinal, eram todos ex-governadores nomeados por ele. A situação agora é muito diferente.”* O errado: *“Em 1950, havia dois partidos de um só criador, Getúlio Vargas. Os líderes do PSD não tinham o menor constrangimento de votar no candidato do PTB. Afinal, eram todos ex-governadores nomeados por ele. A situação agora é muito diferente”, explicou o presidente.*

Finalmente, não despeje sobre o leitor uma torrente interminável de aspas, como neste exemplo: *A prefeita Luíza Erundina declarou que “o problema dos ambulantes vai ser resolvido” e que “o centro da cidade ficará limpo até o final do mês”, porque “o compromisso do PT é com a população de São Paulo” e não apenas “com os que votaram nos candidatos do partido”.*

2.4 Duplo sentido.

Evite as frases ou palavras que possam dar falsa idéia do que se escreveu, mesmo que essa impressão seja momentânea e se desfaça com a leitura mais atenta do texto. Na maior parte das vezes – lembre-se – o leitor passa pela notícia, apenas, e não se detém nela. Vejamos alguns exemplos de dubiedade: *O deputado conversou com o presidente da Câmara na sua sala (de qual deles?). / De 200 denúncias a Sunab só pune 15 (denúncias ou infratores? – no caso, eram*

infratores). / *Mesa-redonda debate saída para crises em São Paulo* (debate em São Paulo ou as crises é que são em São Paulo? – no caso, debate em São Paulo). / *A loucura de João, que contagiou a mulher* (quis-se falar de João, que havia contagiado a mulher com Aids antes de ficar louco). / *Uma promoção especial para você, que está nos últimos dias* (a promoção ou você está nos

12

últimos dias?). / *Mutirão contra a violência do governo completa um ano* (o mutirão é que é do governo, não a violência, como o texto insinua erroneamente). / *Preso acusado de crime* (trata-se de um preso que foi acusado de crime ou da prisão do acusado de um crime?).

2.5 Gíria e linguagem coloquial.

Evite as palavras de gíria. Quando fizerem parte de uma declaração, use-as em negrito. Se forem muito específicas (jargão policial, por exemplo), coloque em seguida, entre parênteses, o seu significado: “*Peguei um **bagulho** (objeto qualquer), fumei um **baseado** (cigarro de maconha) e depois **mandei** (roubei) o carro*”. A linguagem coloquial e os termos de gíria de uso comum dispensam as aspas, mas devem ser empregados apenas em casos especiais, nos textos mais leves, opinativos ou irônicos que realmente os justifiquem.

2.6 Ilustrações.

Charges, mapas, gráficos, tabelas, desenhos e quadros são recursos de que os editores devem lançar mão regularmente como forma de tornar as páginas mais atraentes, por exemplo:

Pesquisas de opinião, levantamentos, evolução de indicadores e demais textos baseados em números devem, obrigatoriamente, ser acompanhados de gráficos, tabelas e quadros que permitam ao leitor compreender com facilidade a situação apresentada.

Toda notícia curiosa exige, para complementá-la, uma ilustração ou charge que desperte atenção para um fato que poderia passar despercebido no noticiário.

Não há a necessidade de se publicar sempre fotos de personalidades, mas pode-se substituí-las, muitas vezes, por desenhos, desde que expressivos e fiéis à figura retratada.

2.7 Muletas.

Evite a todo custo, o uso de muletas nos títulos, isto é, palavras empregadas apenas como recurso para ganhar alguns sinais. Casos mais comuns: **já** (*Santos já*

13

teme o Palmeiras), **seu** redundante (*Governo contém os seus gastos: pode conter os de quem mais?*), **o** ou **a** sem razão (*A bala mata o menino: que bala? que menino?*). Atualmente o uso da expressão “no sentido de” tem ganhado forte uso para direcionar uma idéia ou justificar um ato. É evidente que esta expressão nada significa no sentido da frase e pode ser substituída tranquilamente por “para que”.

2.8 Óbvio.

Existem frases e títulos que nada mais expressam senão o óbvio, mesmo que à primeira vista o redator possa não percebê-lo. Vejamos alguns exemplos: *Chuva torrencial tumultua São Paulo. / Independência é comemorada em todo o País. / Cemitérios cheios no Dia de Finados / Movimento das lojas aumenta com a chegada do Natal. / Com aumento constante de preço, álcool combustível é menos vantajoso que gasolina.*

Chuva torrencial tumultua qualquer cidade. A independência é comemorada todos os anos em todo o País. Todos os cemitérios ficam cheios em Finados. As lojas tem no Natal um de seus maiores movimentos em todos os anos. Com certeza, com aumento constante, em um momento ou outro o álcool será menos vantajoso que a gasolina. É bom ficar atento para não cair nestas armadilhas.

2.9 Ouvir os dois lados.

Os dois ou mais lados envolvidos numa notícia deverão ser sempre ouvidos, se possível, antes da publicação dos fatos. Isto vale especialmente para os casos em que haja acusações a alguém; o direito de resposta é sagrado.

2.10 Palavras Estrangeiras.

Na sua forma original, só deverá ser usada quando for absolutamente indispensável. O excesso de termos de outra língua torna o texto pretensioso e pedante. Se a palavra ou expressão não tiver correspondente em português, porém, ou se este for pouco usado, recorra então ao termo estrangeiro, que vai no mesmo corpo do texto e não mais em negrito: *stand by*, *hardware*, *smoking*, *shopping center*, *marketing*, *outdoor*, *funk*, etc.

14

Não empregue no idioma original palavra que já esteja aportuguesada. Assim *uísque* e não *whisky*; *conhaque* e não *cognac*; *recorde* e não *record*; etc. Mesmo que você as julgue muito conhecidas, traduza sempre as citações em língua estrangeira: “*overbooking*.” (“excesso de passageiros”) “*Alea jacta est*.” (“A sorte está lançada.”) “*To be or not to be: that is the question*.” (“*Ser ou não ser, eis a questão*.”).

Nas palavras derivadas de nomes estrangeiros, mantém-se a estrutura original do vocábulo e acrescenta-se o sufixo (ou o prefixo) vernáculo: *shakespeariano*, *Bachianas*, *hobbessiano*, *behaviorista*, *windsurferista*, etc. No aportuguesamento das palavras estrangeiras, o **sh** em geral se transforma em **x**, o **n** das terminações torna-se **m** ou **ao** e as consoantes fortes finais recebem **e** ou **ue**: *xampu* (*shampoo*), *xelim* (*shiling*), *gueixa* (*geisha*), *raiom* (*rayon*), *gim* (*gin*), *cupom* ou *cupão* (*coupon*), *panteão* (*panthéon*), *clipe* (*clip*), *grogue* (*grog*), *críquete* (*crickett*), *ringue* (*ring*).

2.11 Palavras inexistentes.

Certifique-se sempre de que a palavra que você quer usar existe no idioma. Assim, por exemplo, os dicionários não registram *gemeção*, mas *gemedeira*, nem *reconciliamento*, mas *reconciliação* e outras como essas. Além disso, evite antecipar-se ao dicionário e partir para a criação indiscriminada de vocábulos, o que resulta em formas como *adesivação*, *cartelização*, *agudizar*, *desfavelização*, *culpabilizar*, *fisicultor*, *literatizante*, *descupinização*, *urgencializar*, *contraculturalismo*, *pretensiosidade*, e dezenas de formas semelhantes.

2.12 Pleonasma.

É a repetição de termos supérfluos, evidentes ou inúteis na frase. À exceção dos pleonasmos estilísticos, e assim mesmo apenas em casos especiais, evite os que comprometam o texto:

15

2.12.1 Vicioso.

Acabamento final, agora já, almirante da Marinha, conclusão final (a menos que tenha existido outras, parciais), *continuar ainda, conviver junto, criar novos, descer para baixo, elo de ligação, encarar de frente* (use encarar firmemente), *entrar dentro ou para dentro, ganhar grátis, habitat natural, goteira no teto, manter o mesmo, repetir de novo*, (a menos que se repita pela segunda vez), *sair fora ou para fora, sorriso nos lábios, subir para cima, surpresa inesperada, viúva do falecido, etc.*

2.12.2 Estilístico

É o pleonasma literário, para dar força ou ênfase à expressão: *Rir um riso amarelo. / Sonhar um sonho. / Ver com os próprios olhos. / Andar com as próprias pernas.*

2.13 Rebuscamento

Se a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico, o rebuscamento, ao contrário, tira dele toda a fluência, autenticidade e identificação com o leitor. A tecnologia aparece com destaque entre as fontes desse tipo de vício estilístico. Tenha sempre presente, por isso, que não deve se escrever para um público específico, mas para leitores diversificados como um feirante e um empresário, por exemplo. O que soa familiar a este parecerá certamente estranho à outra.

Acompanhe, na lista abaixo, alguns exemplos de palavras que cumpra evitar a todo custo. Se uma ou outra pode até ser aceita em condições especiais, na maioria, porém, elas só prejudicam o texto jornalístico. Não serve de atenuante o

fato de algumas delas já estarem incluídas nos dicionários, ao jornalista compete saber escolher bem os termos que usa e os registrados seguramente não se encontram entre eles: *adesivação, agudização, alocação, antenado, apoioamento, carnavalizador, cartelização, catastrofismo, coletivizar, congressual, desenquadramento, desfavelização, desratização, desregulamentação, desrepresamento, emblematizar, encapsulamento de rejeitos, energizante,*

16

equacionamento, metalização, mundanizar, obstaculizar, operacionalizar, oportunizar, paradigmático, rentabilizar, sucatação, tecnologizado, urgencializar, verbalização, zerar, etc.

Em casos excepcionais, palavras podem ser criadas, quando as necessidades do noticiário e do momento o exijam. Siga, porém, as regras do idioma, a eufonia e principalmente o bom senso. Abaixo, exemplo de palavras bem-formadas: *ambientalista, preservacionista, conservacionista, superaquecimento, indexação*, e algumas mais.

2.14 Regionalismos

Não utilize termos que, embora sejam comuns em alguns Estados, não sejam utilizados no restante do País, por exemplo: *gari* (lixeiro), *lanterneiro* (funileiro), *bombeiro* (encanador), *guri, piá* (menino), *macaxeira ou aipim* (mandioca). Lembre-se de que *moleque*, na maioria dos Estados, tem o sentido de menino marginal, portanto evite a palavra.

2.15 Simplicidade

A simplicidade é condição essencial do texto, quanto mais conciso, direto e objetivo for, maior o número de pessoas que atingirá. Escrever simples, no entanto, exige esforço e o atendimento de uma série de requisitos: a) use frases curtas e na ordem direta; b) escolha palavras acessíveis a qualquer tipo de leitor; c) opte pelo vocabulário mais simples que defina uma situação; d) evite os termos técnicos desnecessários e quando absolutamente indispensáveis, não deixe de explicá-los; e) fuja das frases pernósticas e pomposas. Abaixo, leia uma frase em que o autor não conseguiu colocar um ponto sequer.

Ocupando o cargo de ministro-chefe do EMFA há menos de um ano, o tenente-brigadeiro conseguiu levar quase às últimas conseqüências sua guerra em favor da manutenção dos ganhos dos militares, conseguida a duras penas durante a administração Bresser Pereira, e mostrou sua determinação e

17

persistência ao enfrentar, pela primeira vez, reuniões com a cúpula financeira do País.

Outro exemplo em que as intercalações excessivas tornam difícil a compreensão do núcleo da frase.

“Serão recebidos com energia”. Quando dizia esta frase, na tarde de quinta-feira, 14 de abril, o prefeito de São Paulo estava registrando que ali, no Parque do Ibirapuera, no exato momento em que a oratória do seu líder na Câmara, o vereador Carlos Paiva, dava alguma esperança às pretensões do funcionalismo municipal em busca de aumento da salários, caíam por terra quaisquer expectativas que os líderes da categoria poderiam alimentar.

Não adianta você entremear seu texto de palavras difíceis que o leitor possa não conhecer. Mas, inversamente, não há necessidade de se descer ao nível de uma redação primária, quase de composição escolar. Procure apenas utilizar termos que se incluam no universo do leitor ou não lhe causem estranheza. Fuja também de expressões que possam parecer pedantes, eruditas por não fazerem parte do uso comum. Eis alguns termos e expressões que o leitor pode não conhecer ou não seriam recomendáveis sua utilização: *conspícuo, consuetudinário, palatável, contenda, ágape, entrementes, porfia, prélio, pugna, prócer, autogol, outrossim, opíparo, destarte, alhures, algures, necrópole, despiciendo, assaz, castrense, bazófia, escrínio, protraír, etc.*

2.16 Termos técnicos.

Se alguns são necessários, e deverão aparecer no texto acompanhados da explicação, outros podem ser dispensados e substituídos até pelo seu próprio significado, com inegáveis vantagens para o leitor. Por exemplo, no Congresso dá-se o nome de **apoio** ao compromisso de apoio de um parlamentar à iniciativa de outro. Em vez de usar apoio, então, que exigiria explicação a seguir, fale apenas em compromisso de apoio ou algo semelhante.

18

CONCLUSÃO

Este trabalho não tem a pretensão de transmitir por osmose o domínio da língua portuguesa, mesmo porque, a norma culta é de extrema complexidade. Infelizmente possuímos graves problemas no ensino brasileiro, desde o básico até a universidade. A maioria das instituições apresenta índices satisfatórios mas algumas não, tanto é que os resultados dos exames de avaliação realizados pelo MEC demonstram que essas instituições estão perdendo seus cursos justamente por não atingirem os pontos necessários para mantê-los.

Creio que este trabalho possa trazer de alguma maneira, apoio, orientação e esclarecimento ao leitor quanto aos erros e dúvidas mais comuns na língua portuguesa e afirmo convictamente que só escreve com competência aquele que lê regularmente.

REFERÊNCIAS

MARTINS FILHO, E.L. **Manual de redação e estilo**. São Paulo: O Estado de São Paulo – Jornalismo, 1990.

MANRICH e ROBORTELLA. **Apostila de português**. São Paulo, 2001

ANEXO

3 ERROS

Alguns erros de concordância vêm-se tornando muito comuns. Por isso, esteja atento para que não apareçam no seu texto. Veja as situações em que a maior parte deles ocorre (todos os exemplos são reais):

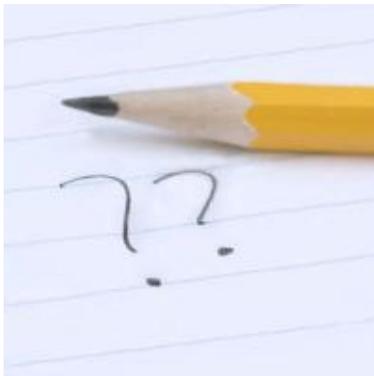
- 1- Verbo, complemento, aposto ou oração dependente, colocados **antes do sujeito**: *Serão realizados hoje os sorteios (e nunca será realizado). / Viu como era feita (e não era feito) a aguardente. / Está marcada (e não marcado) para o dia 10 uma grande manifestação./ Mesmo perdida (e não perdido) em campo, a seleção... / Os contratos trazem embutida (e não embutido) uma correção. / Foi publicada (e não publicado) no Diário Oficial uma relação... / Não deixam (em vez de deixa) de causar estranheza certas situações... / Ficou constatada (e não constatado) apenas uma forte torção... / Chegam (e não chega) a ser irritantes (e não irritante) os constantes erros... / Só tinham (e não tinha) publicidade oficial as emissoras... / Se for mesmo aprovada (e não aprovado) na Constituinte a criação... / Tem de ser levada (e não levado) em conta a disposição... / Se prevalecerem (em vez de prevalecer) as evidências... / São importantes (e não importante) esses pontos... / Eles votaram por carta, como permitem (e não permite) os estatutos da entidade... / Poucos sensíveis (e não sensível) a seus argumentos, os policiais... .*
- 2- Núcleo do sujeito **distante do verbo**: *Os preparativos para a criação do novo bairro já estavam praticamente concluídos (e não já estava...). / As execuções determinadas por partidos clandestinos de esquerda, na década de 70, eram (e não era) uma verdade incontestável. / Férias fora de hora levam(e não leva) mães ao pânico. / As acusações ao presidente daquele sindicato de trabalhadores demonstravam (e nunca demonstrava) a possibilidade... .*
- 3- Núcleo do sujeito no singular acompanhado de uma expressão preposicionada no plural, que completa ou altera o sentido – o verbo fica no singular (não deixe que a falsa noção de plural influencie a concordância):

são de...) / A fulminante ascensão do candidato nas pesquisas eleitorais mudou (e não mudaram) o conceito... / O preço das passagens aéreas sobe (e não sobem) hoje. / A publicação das fotos da modelo prejudicou (e não prejudicaram) a sua reputação. / A repercussão negativa dos aumentos dos preços dos produtos alimentícios está (e não estão) preocupando o governo. / A passagem normal para essas regiões custa (e não custam) 2 mil reais. / O reajuste das mensalidades será feito (e não serão feitas)... .

4- O que exige o verbo no singular e no masculino: *O que se ouvia eram frases indignas* (e não *o que se ouviam...*). / *O que não é admitido é a internação...* (e não *o que não é admitida...*).

5- É que não varia em frases como as que se seguem (repare que está intercalada uma expressão preposicionada): *É nesses movimentos que a plástica sobressai* (e nunca *são nesses momentos que...*). / *É sobre esses aspectos que ele deve meditar* (e não *são sobre esses aspectos que...*). / *É dessas coisas que* (em vez de *são dessas coisas que...*).

3.1 OS CEM ERROS MAIS COMUNS NA ESCRITA



Erros gramaticais e ortográficos devem, por princípio, ser evitados. Alguns, no entanto, como ocorrem com maior frequência, merecem atenção redobrada. (...). Veja os erros mais comuns do idioma e use esta relação como um roteiro para fugir deles.

1 - "**Mal cheiro**", "**mau-humorado**". Mal opõe-se a bem e mau, a bom. Assim: mau cheiro (bom cheiro), mal-humorado (bem-humorado). Igualmente: mau humor, mal-intencionado, mau jeito, mal-estar.

2 - "**Fazem**" cinco anos. Fazer, quando exprime tempo, é impessoal: Faz cinco anos. / Fazia dois séculos. / Fez 15 dias.

23

3 - "**Houveram**" muitos acidentes. Haver, como existir, também é invariável: Houve muitos acidentes. / Havia muitas pessoas. / Deve haver muitos casos iguais.

4 - "**Existe**" muitas esperanças. Existir, bastar, faltar, restar e sobrar admitem normalmente o plural: Existem muitas esperanças. / Bastariam dois dias. / Faltavam poucas peças. / Restaram alguns objetos. / Sobravam idéias.

5 - Para "**mim**" fazer. Mim não faz, porque não pode ser sujeito. Assim: Para eu fazer, para eu dizer, para eu trazer.

6 - Entre "**eu**" e "**ocê**". Depois de preposição, usa-se mim ou ti: Entre mim e você. / Entre eles e ti.

7 - "**Há**" dez anos "**atrás**". Há e atrás indicam passado na frase. Use apenas há dez anos ou dez anos atrás.

8 - "**Entrar dentro**". O certo: entrar em. Veja outras redundâncias: Sair fora ou para fora, elo de ligação, monopólio exclusivo, já não há mais, ganhar grátis, viúva do falecido.

9 - "**Venda à prazo**". Não existe crase antes de palavra masculina, a menos que esteja subentendida a palavra moda: Salto à (moda de) Luís XV. Nos demais casos: A salvo, a bordo, a pé, a esmo, a cavalo, a caráter.

10 - "**Porque**" você foi? Sempre que estiver clara ou implícita a palavra razão, use **por que** separado: Por que (razão) você foi? / Não sei por que (razão) ele faltou. / Explique por que razão você se atrasou. **Porque** é usado nas respostas: Ele se atrasou porque o trânsito estava congestionado.

11 - "**Vai assistir**" o jogo hoje. Assistir como presenciar exige **a**: Vai assistir ao jogo, à missa, à sessão. Outros verbos com **a**: A medida não agradou (desagradou) à população. / Eles obedeceram (desobedeceram) aos avisos. / Aspirava ao cargo de diretor. / Pagou ao amigo. / Respondeu à carta. / Sucedeu ao pai. / Visava aos estudantes.

12 - "**Preferia ir**" do que "**ficar**". Prefere-se sempre uma coisa a outra: Preferia ir a ficar. **É preferível** segue a mesma norma: É preferível lutar a morrer sem glória.

13 - "**O resultado do jogo, não o abateu**". Não se separa com vírgula o sujeito do predicado. Assim: O resultado do jogo não o abateu. Outro erro: O prefeito prometeu, novas denúncias. Não existe o sinal entre o predicado e o complemento:

14 - **Não há regra sem "excessão"**. O certo é exceção. Veja outras grafias erradas e, entre parênteses, a forma correta: "paralizar" (paralisar), "beneficiente" (beneficente), "xuxu" (chuchu), "previlégio" (privilégio), "vultuoso" (vultoso), "cincoenta" (cinqüenta), "zuar" (zoar), "frustado" (frustrado), "calcáreo" (calcário), "advinhar" (adivinhar), "benvindo" (bem-vindo), "ascenção" (ascensão), "pixar" (pichar), "impecilho" (empecilho), "envólucro" (invólucro).

15 - **Quebrou "o" óculos**. Concordância no plural: os óculos, meus óculos. Da mesma forma: Meus parabéns, meus pêssames, seus ciúmes, nossas férias, felizes núpcias.

16 - **Comprei "ele" para você**. Eu, tu, ele, nós, vós e eles não podem ser objeto direto. Assim: Comprei-o para você. Também: Deixe-os sair, mandou-nos entrar, viu-a, mandou-me.

17 - **Nunca "lhe" vi**. Lhe substitui a ele, a eles, a você e a vocês e por isso não pode ser usado com objeto direto: Nunca o vi. / Não o convidei. / A mulher o deixou. / Ela o ama.

18 - **"Aluga-se" casas**. O verbo concorda com o sujeito: Alugam-se casas. / Fazem-se consertos. / É assim que se evitam acidentes. / Compram-se terrenos. / Procuram-se empregados.

19 - **"Tratam-se" de**. O verbo seguido de preposição não varia nesses casos: Trata-se dos melhores profissionais. / Precisa-se de empregados. / Apela-se para todos. / Conta-se com os amigos.

20 - **Chegou "em" São Paulo**. Verbos de movimento exigem **a**, e não **em**: Chegou a São Paulo. / Vai amanhã ao cinema. / Levou os filhos ao circo.

21 - **Atraso implicará "em" punição**. Implicar é direto no sentido de acarretar, pressupor: Atraso implicará punição. / Promoção implica responsabilidade.

22 - **Vive "às custas" do pai**. O certo: Vive à custa do pai. Use também **em via de**, e não "em vias de": Espécie em via de extinção. / Trabalho em via de conclusão.

23 - **Todos somos "cidadões"**. O plural de cidadão é cidadãos. Veja outros: caracteres (de caráter), juniores, seniores, escrivães, tabeliães, gângsteres.

24 - **O ingresso é "gratuito"**. A pronúncia correta é gratuito, assim como circuito,

25 - **A última "seção" de cinema.** **Seção** significa divisão, repartição, e **sessão** equivale a tempo de uma reunião, função: Seção Eleitoral, Seção de Esportes, seção de brinquedos; sessão de cinema, sessão de pancadas, sessão do Congresso.

26 - **Vendeu "uma" grama de ouro.** Grama, peso, é palavra masculina: um grama de ouro, vitamina C de dois gramas. Femininas, por exemplo, são a agravante, a atenuante, a alface, a cal, etc.

27 - **"Porisso".** Duas palavras, por isso, como de repente e a partir de.

28 - **Não viu "qualquer" risco.** É **nenhum**, e não "qualquer", que se emprega depois de negativas: Não viu nenhum risco. / Ninguém lhe fez nenhum reparo. / Nunca promoveu nenhuma confusão.

29 - **A feira "inicia" amanhã.** Alguma coisa se inicia, se inaugura: A feira inicia-se (inaugura-se) amanhã.

30 - **Soube que os homens "feriram-se".** O **que** atrai o pronome: Soube que os homens se feriram. / A festa que se realizou... O mesmo ocorre com as negativas, as conjunções subordinativas e os advérbios: Não lhe diga nada. / Nenhum dos presentes se pronunciou. / Quando se falava no assunto... / Como as pessoas lhe haviam dito... / Aqui se faz, aqui se paga. / Depois o procuro.

31 - **O peixe tem muito "espinho".** Peixe tem espinha. Veja outras confusões desse tipo: O "fuzil" (fusível) queimou. / Casa "germinada" (geminada), "ciclo" (círculo) vicioso, "cabeçário" (cabeçalho).

32 - **Não sabiam "aonde" ele estava.** O certo: Não sabiam onde ele estava. **Aonde** se usa com verbos de movimento, apenas: Não sei aonde ele quer chegar. / Aonde vamos?

33 - **"Obrigado", disse a moça.** Obrigado concorda com a pessoa: "Obrigada", disse a moça. / Obrigado pela atenção. / Muito obrigados por tudo.

34 - **O governo "entreviu".** Entrevir conjuga-se como **vir**. Assim: O governo interveio. Da mesma forma: intervinha, intervimos, intervieram. Outros verbos derivados: entretinha, mantivesse, reteve, pressupusesse, predisse, conviesse, perfizera, entrevimos, condisser, etc.

35 - **Ela era "meia" louca.** Meio, advérbio, não varia: meio louca, meio esperta, meio amiga.

36 - **"Fica" você comigo. Fica** é imperativo do pronome tu. Para a 3.^a pessoa, o certo é **fique**: Fique você comigo. / Venha pra Caixa você também. / Chegue aqui.

26

37 - **A questão não tem nada "haver" com você.** A questão, na verdade, não tem nada a ver ou nada que ver. Da mesma forma: Tem tudo a ver com você.

38 - **A corrida custa 5 "real".** A moeda tem plural, e regular: A corrida custa 5 reais.

39 - **Vou "emprestar" dele.** Emprestar é ceder, e não tomar por empréstimo: Vou pegar o livro emprestado. Ou: Vou emprestar o livro (ceder) ao meu irmão. Repare nesta concordância: Pediu emprestadas duas malas.

40 - **Foi "taxado" de ladrão.** Tachar é que significa acusar de: Foi tachado de ladrão. / Foi tachado de leviano.

41 - **Ele foi um dos que "chegou" antes. Um dos que** faz a concordância no plural: Ele foi um dos que chegaram antes (dos que chegaram antes, ele foi um). / Era um dos que sempre vibravam com a vitória.

42 - **"Cerca de 18" pessoas o saudaram.** Cerca de indica arredondamento e não pode aparecer com números exatos: Cerca de 20 pessoas o saudaram.

43 - **Ministro nega que "é" negligente. Negar que** introduz subjuntivo, assim como embora e talvez: Ministro nega que seja negligente. / O jogador negou que tivesse cometido a falta. / Ele talvez o convide para a festa. / Embora tente negar, vai deixar a empresa.

44 - **Tinha "chego" atrasado.** "Chego" não existe. O certo: Tinha chegado atrasado.

45 - **Tons "pastéis" predominam.** Nome de cor, quando expresso por substantivo, não varia: Tons pastel, blusas rosa, gravatas cinza, camisas creme. No caso de adjetivo, o plural é o normal: Ternos azuis, canetas pretas, fitas amarelas.

46 - **Lute pelo "meio-ambiente".** Meio ambiente não tem hífen, nem hora extra, ponto de vista, mala direta, pronta entrega, etc. O sinal aparece, porém, em mão-de-obra, matéria-prima, infra-estrutura, primeira-dama, vale-refeição, meio-de-campo, etc.

47 - **Quería namorar "com" o colega.** O com não existe: Quería namorar o colega.

48 - **O processo deu entrada "junto ao" STF.** Processo dá entrada **no** STF. Iguamente: O jogador foi contratado do (e não "junto ao") Guarani. / Cresceu muito

o prestígio do jornal entre os (e não "junto aos") leitores. / Era grande a sua dívida com o (e não "junto ao") banco. / A reclamação foi apresentada ao (e não "junto ao") Procon.

49 - **As pessoas "esperavam-o"**. Quando o verbo termina em **m, ão** ou **õe**, os pronomes **o, a, os** e **as** tomam a forma **no, na, nos** e **nas**: As pessoas esperavam-no. / Dão-nos, convidam-na, põe-nos, impõem-nos.

50 - **Vocês "fariam-lhe" um favor?** Não se usa pronome átono (me, te, se, lhe, nos, vos, lhes) depois de futuro do presente, futuro do pretérito (antigo condicional) ou particípio. Assim: Vocês lhe fariam (ou far-lhe-iam) um favor? / Ele se imporá pelos conhecimentos (e nunca "imporá-se"). / Os amigos nos darão (e não "darão-nos") um presente. / Tendo-me formado (e nunca tendo "formado-me").

51 - **Chegou "a" duas horas e partirá daqui "há" cinco minutos. Há** indica passado e equivale a **faz**, enquanto **a** exprime distância ou tempo futuro (não pode ser substituído por **faz**): Chegou há (faz) duas horas e partirá daqui a (tempo futuro) cinco minutos. / O atirador estava a (distância) pouco menos de 12 metros. / Ele partiu há (faz) pouco menos de dez dias.

52 - **Blusa "em" seda**. Usa-se **de**, e não **em**, para definir o material de que alguma coisa é feita: Blusa de seda, casa de alvenaria, medalha de prata, estátua de madeira.

53 - **A artista "deu à luz a" gêmeos**. A expressão é **dar à luz**, apenas: A artista deu à luz quíntuplos. Também é errado dizer: Deu "a luz a" gêmeos.

54 - **Estávamos "em" quatro à mesa**. O **em** não existe: Estávamos quatro à mesa. / Éramos seis. / Ficamos cinco na sala.

55 - **Sentou "na" mesa para comer**. Sentar-se (ou sentar) em é sentar-se **em** cima de. Veja o certo: Sentou-se à mesa para comer. / Sentou ao piano, à máquina, ao computador.

56 - **Ficou contente "por causa que" ninguém se feriu**. Embora popular, a locução não existe. Use porque: Ficou contente porque ninguém se feriu.

57 - **O time empatou "em" 2 a 2**. A preposição é **por**: O time empatou por 2 a 2. Repare que ele ganha por e perde por. Da mesma forma: empate por.

58 - **À medida "em" que a epidemia se espalhava...** O certo é: À medida que a epidemia se espalhava... Existe ainda **na medida em que** (tendo em vista que): É preciso cumprir as leis, na medida em que elas existem.

59 - **Não queria que "receiassem" a sua companhia**. O **i** não existe: Não queria que receassem a sua companhia. Da mesma forma: passeemos, enfearam, ceaste,

receeis (só existe *i* quando o acento cai no e que precede a terminação **ear**:
receiem, passeias, enfeiam).

60 - **Eles "tem" razão.** No plural, **têm** é assim, com acento. **Tem** é a forma do singular. O mesmo ocorre com **vem** e **vêm** e **põe** e **põem**: Ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm; ele põe, eles põem.

61 - **A moça estava ali "há" muito tempo.** Haver concorda com estava. Portanto: A moça estava ali havia (fazia) muito tempo. / Ele doara sangue ao filho havia (fazia) poucos meses. / Estava sem dormir havia (fazia) três meses. (O havia se impõe quando o verbo está no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo.)

62 - **Não "se o" diz.** É errado juntar o **se** com os pronomes **o**, **a**, **os** e **as**. Assim, nunca use: Fazendo-se-os, não se o diz (não se diz isso), vê-se-a, etc.

63 - **Acordos "políticos-partidários".** Nos adjetivos compostos, só o último elemento varia: acordos político-partidários. Outros exemplos: Bandeiras verde-amarelas, medidas econômico-financeiras, partidos social-democratas.

64 - **Fique "tranquilo".** O **u** pronunciável depois de **q** e **g** e antes de **e** e **i** exige trema: Tranqüilo, conseqüência, lingüiça, agüentar, Birigüi.

65 - **Andou por "todo" país.** **Todo o** (ou **a**) é que significa inteiro: Andou por todo o país (pelo país inteiro). / Toda a tripulação (a tripulação inteira) foi demitida. Sem **o**, **todo** quer dizer cada, qualquer: Todo homem (cada homem) é mortal. / Toda nação (qualquer nação) tem inimigos.

66 - **"Todos" amigos o elogiavam.** No plural, **todos** exige **os**: Todos os amigos o elogiavam. / Era difícil apontar todas as contradições do texto.

67 - **Favoreceu "ao" time da casa.** Favorecer, nesse sentido, rejeita **a**: Favoreceu o time da casa. / A decisão favoreceu os jogadores.

68 - **Ela "mesmo" arrumou a sala.** Mesmo, quanto equivale a próprio, é variável: Ela mesma (própria) arrumou a sala. / As vítimas mesmas recorreram à polícia.

69 - **Chamei-o e "o mesmo" não atendeu.** Não se pode empregar o **mesmo** no lugar de pronome ou substantivo: Chamei-o e ele não atendeu. / Os funcionários públicos reuniram-se hoje: amanhã o país conhecerá a decisão dos servidores (e não "dos mesmos").

70 - **Vou sair "essa" noite.** É **este** que designa o tempo no qual se está ou objeto próximo: Esta noite, esta semana (a semana em que se está), este dia, este jornal (o jornal que estou lendo), este século (o século 20).

71 - **A temperatura chegou a 0 "graus"**. Zero indica singular sempre: Zero grau, zero-quilômetro, zero hora.

29

72 - **A promoção veio "de encontro aos" seus desejos. Ao encontro de** é que expressa uma situação favorável: A promoção veio ao encontro dos seus desejos. **De encontro** a significa condição contrária: A queda do nível dos salários foi de encontro às (foi contra) expectativas da categoria.

73 - **Comeu frango "ao invés de" peixe. Em vez** de indica substituição: Comeu frango em vez de peixe. **Ao invés** de significa apenas ao contrário: Ao invés de entrar, saiu.

74 - **Se eu "ver" você por aí...** O certo é: Se eu vir, revir, previr. Da mesma forma: Se eu vier (de vir), convier; se eu tiver (de ter), mantiver; se ele puser (de pôr), impuser; se ele fizer (de fazer), desfizer; se nós dissermos (de dizer), predissermos.

75 - **Ele "intermedia" a negociação. Mediar e intermediar** conjugam-se como **odiar**: Ele intermedeia (ou medeia) a negociação. **Remediar, ansiar e incendiar** também seguem essa norma: Remedeiam, que eles anseiem, incendeio.

76 - **Ninguém se "adequa"**. Não existem as formas "adequa", "adequê", etc., mas apenas aquelas em que o acento cai no a ou o: adequaram, adequou, adequasse, etc.

77 - **Evite que a bomba "expluda"**. Explodir só tem as pessoas em que depois do **d** vêm **e** e **i**: Explode, explodiram, etc. Portanto, não escreva nem fale "exploda" ou "expluda", substituindo essas formas por rebente, por exemplo. **Precaver-se** também não se conjuga em todas as pessoas. Assim, não existem as formas "precavejo", "precavês", "precavém", "precavenho", "precavenha", "precaveja", etc.

78 - **Governo "reavê" confiança**. Equivalente: Governo recupera confiança. **Reaver** segue haver, mas apenas nos casos em que este tem a letra v: Reavemos, reouve, reaverá, reouvesse. Por isso, não existem "reavejo", "reavê", etc.

79 - **Disse o que "quiz"**. Não existe **z**, mas apenas **s**, nas pessoas de **querer** e **pôr**: Quis, quisesse, quiseram, quiséssemos; pôs, pus, pusesse, puseram, puséssemos.

80 - **O homem "possue" muitos bens**. O certo: O homem possui muitos bens. Verbos em **uir** só têm a terminação **ui**: Inclui, atribui, polui. Verbos em **uar** é que admitem **ue**: Continue, recue, atue, atenuie.

81 - **A tese "onde"...** Onde só pode ser usado para lugar: A casa onde ele mora. / Veja o jardim onde as crianças brincam. Nos demais casos, use **em que**: A tese em que ele defende essa idéia. / O livro em que... / A faixa em que ele canta... / Na entrevista em que...

30

82 - **Já "foi comunicado" da decisão.** Uma decisão é comunicada, mas ninguém "é comunicado" de alguma coisa. Assim: Já foi informado (cientificado, avisado) da decisão. Outra forma errada: A diretoria "comunicou" os empregados da decisão. Opções corretas: A diretoria comunicou a decisão aos empregados. / A decisão foi comunicada aos empregados.

83 - **Venha "por" a roupa. Pôr**, verbo, tem acento diferencial: Venha pôr a roupa. O mesmo ocorre com **pôde** (passado): Não pôde vir. Veja outros: fôrma, pêlo e pêlos (cabelo, cabelos), pára (verbo parar), péla (bola ou verbo pelar), pélo (verbo pelar), pólo e pólos. Perderam o sinal, no entanto: Ele, toda, ovo, selo, almoço, etc.

84 - **"Inflingiu" o regulamento. Infringir** é que significa transgredir: Infringiu o regulamento. Infligir (e não "inflingir") significa impor: Infligiu séria punição ao réu.

85 - **A modelo "pousou" o dia todo.** Modelo **posa** (de pose). Quem **pousa** é ave, avião, viajante, etc. Não confunda também **iminente** (prestes a acontecer) com **eminente** (ilustre). Nem **tráfico** (contrabando) com **tráfego** (trânsito).

86 - **Espero que "viagem" hoje.** Viagem, com **g**, é o substantivo: Minha viagem. A forma verbal é viagem (de viajar): Espero que viagem hoje. Evite também "comprimentar" alguém: de cumprimento (saudação), só pode resultar cumprimentar. Cumprimento é extensão. Igualmente: Comprido (extenso) e cumprido (concretizado).

87 - **O pai "sequer" foi avisado.** Sequer deve ser usado com negativa: O pai nem sequer foi avisado. / Não disse sequer o que pretendia. / Partiu sem sequer nos avisar.

88 - **Comprou uma TV "a cores".** Veja o correto: Comprou uma TV em cores (não se diz TV "a" preto e branco). Da mesma forma: Transmissão em cores, desenho em cores.

89 - **"Causou-me" estranheza as palavras.** Use o certo: Causaram-me estranheza as palavras. Cuidado, pois é comum o erro de concordância quando o verbo está antes do sujeito. Veja outro exemplo: Foram iniciadas esta noite as obras (e não "foi iniciado" esta noite as obras).

90 - **A realidade das pessoas "podem" mudar.** Cuidado: palavra próxima ao verbo não deve influir na concordância. Por isso : A realidade das pessoas pode mudar. / A troca de agressões entre os funcionários foi punida (e não "foram

punidas").

91 - **O fato passou "desapercebido"**. Na verdade, o fato passou despercebido, não foi notado. Desapercebido significa desprevenido.

31

92 - **"Haja visto" seu empenho...** A expressão é **haja vista** e não varia: Haja vista seu empenho. / Haja vista seus esforços. / Haja vista suas críticas.

93 - **A moça "que ele gosta"**. Como se gosta **de**, o certo é: A moça de que ele gosta. Igualmente: O dinheiro de que dispõe, o filme a que assistiu (e não que assistiu), a prova de que participou, o amigo a que se referiu, etc.

94 - **É hora "dele" chegar**. Não se deve fazer a contração da preposição com artigo ou pronome, nos casos seguidos de infinitivo: É hora de ele chegar. / Apesar de o amigo tê-lo convidado... / Depois de esses fatos terem ocorrido...

95 - **Vou "consigo"**. Consigo só tem valor reflexivo (pensou consigo mesmo) e não pode substituir com você, com o senhor. Portanto: Vou com você, vou com o senhor. Igualmente: Isto é para o senhor (e não "para si").

96 - **Já "é" 8 horas**. Horas e as demais palavras que definem tempo variam: Já são 8 horas. / Já é (e não "são") 1 hora, já é meio-dia, já é meia-noite.

97 - **A festa começa às 8 "hrs."** As abreviaturas do sistema métrico decimal não têm plural nem ponto. Assim: 8 h, 2 km (e não "kms."), 5 m, 10 kg.

98 - **"Dado" os índices das pesquisas...** A concordância é normal: Dados os índices das pesquisas... / Dado o resultado... / Dadas as suas idéias...

99 - **Ficou "sobre" a mira do assaltante. Sob** é que significa debaixo de: Ficou sob a mira do assaltante. / Escondeu-se sob a cama. **Sobre** equivale a em cima de ou a respeito de: Estava sobre o telhado. / Falou sobre a inflação. E lembre-se: O animal ou o piano têm cauda e o doce, calda. Da mesma forma, alguém traz alguma coisa e alguém vai para trás.

100 - **"Ao meu ver"**. Não existe artigo nessas expressões: A meu ver, a seu ver, a nosso ver.

Fonte : <http://vitoria.es.gov.br/manual/errocomum.htm> (

4 ILUSTRAÇÕES

Temos vistos inúmeros erros em jornais e revistas, erros estes grosseiros e outros de pura falta de atenção. Separei dois exemplos a seguir onde no 1º a repórter por desconhecimento de mecânica automotiva salienta a “quantidade de cilindradas (de 4 para 6)” o correto seria “quantidade de cilindros (de 4 para 6)”,

32

cilindradas é o tamanho interno do motor, motor 1.0, 2.0, etc. No 2º exemplo, o mais grosseiro, a repórter não conseguiu se expressar de forma correta na conclusão da frase: “..., a empresa poderá milhões de dólares de prejuízo.” Não entendi se a empresa perderá milhões de dólares ou poderá perder milhões de dólares, mas em ambos os casos, ninguém perde milhões de dólares de lucro.

Na revista VEJA desta semana (11/5), um excelente artigo da escritora, mestre em lingüística, Lya Luft, foi publicado sobre estrangeirismo, onde o reproduzimos logo abaixo, após os 2 exemplos. Espero termos atendido as expectativas do caro leitor e disponho-me a receber críticas e sugestões.

wfongaro@gmail.com

APOS 40 ANOS, ROTA TROCA BLAZER POR HILUX SW4

Subcomandante diz que compra de 60 veículos da Toyota, por R\$ 6,4 mi, ocorreu porque corporação precisa de carro mais ágil e maior por dentro

Monique Abrantes

Após 40 anos usando os veículos da montadora americana General Motors em sua frota, as Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota) adotaram pela primeira vez um modelo de outra empresa: a Hilux SW4 da japonesa Toyota. Segundo a fabricante, foram vendidos 60 veículos, totalizando R\$ 6,4 milhões (R\$

107 mil cada).

Mas a mudança não foi por motivos aleatórios. De acordo com o subcomandante da Rota, o major Ben-Hur Araújo Junqueira Neto, as necessidades atuais do comando motivaram a troca. “Quando a Rota surgiu, na década de 1970, escolhemos a General Motors por ser uma das poucas montadoras existentes no País e principalmente por atender a nossas necessidades.” Mas, com o passar do tempo, as exi-

gências mudaram – ou melhor, aumentaram. “O nosso armamento se tornou muito mais pesado e, conseqüentemente, precisávamos de um veículo que pudesse nos acompanhar em patrulhas e perseguições.”

As principais mudanças, segundo a PM, são o espaço interno, a quantidade de cilindradas (de 4 para 6), a abertura mais rápida das portas e a instalação de câmbio mecânico. O estudo do projeto, conta o major Ben-Hur,



Carro novo. Estudo foi feito com

foi feito juntamente com os engenheiros da empresa e teve duração de três meses. “Após o desenvolvimento, algumas unidades passaram a ser usadas tanto na capital quanto no litoral paulista

A Boeing pretendia revolucionar a aviação com seu novo modelo. Mas exagerou na terceirização. Com problemas de produção e atraso na entrega dos aviões, a empresa poderá milhões de dólares de prejuízo

Dreamliner vira pesadelo

OESP 11/04/11

Dinah Deckstein
DER SPIEGEL

Há oito anos, a direção da americana Boeing fez um *brainstorm*. A ideia era construir aviões da mesma maneira que a indústria

exceção do A380 da Airbus, entusiasmou tanto especialistas e fãs da aviação quanto o hipermoderno jato da Boeing.

Quando o projeto decolou oficialmente, em 2003, os executivos da Boeing prometeram mais

● Boeing 787

US\$
185





Deixem em paz a nossa língua

Nasci com essa paixão, esse encantamento pelas palavras. Quando pequena, repetia para mim mesma as que achava mais bonitas: pareciam caramelos na minha boca. Colecionava mentalmente as mais doces, como translúcido, magnólia, borbulha, libélula, e não sei quais outras. Lembro que por um tempo detestei meu nome curtinho e sem graça: pedia a minha mãe que o trocasse por algo belo como Gardênia, Magnólia, Virgínia. Açucena me fascinou quando o li no meu livro de texto no 1º ano da escola, e quis me chamar assim. Mas eu queria muitas coisas impossíveis. Como lia muito (minha cama era embutida em prateleiras onde, em horas de insônia, bastava estender a mão e ter a companhia de um livro), a linguagem cedo fez parte da minha vida como as ficções. Eu lia o que me caía nas mãos, desde gibis até complicados volumes que eu não entendia mas pegava na biblioteca de meu pai, e lia achando impressionante ou bonito, misterioso ou triste.

“Por favor, não tentem defender nosso português de estrangeirismos: a língua não precisa ser defendida. Ela é soberana. Nenhum gramático ou legislador, brilhante ou tacanho, poderá botar essa dama em camisa de força, nem a conter num regime policialesco”



LYA LUFT
é escritora

Comecei a trabalhar com a nossa língua bastante cedo, traduzindo obras literárias do inglês e do alemão. Mais ou menos nessa época, início dos 20 anos, passei a escrever crônica de jornal, e poemas avulsos, que aos poucos foram sendo publicados em livros, até finalmente iniciar uma carreira de ficcionista já beirando os 40 anos. Antes disso fiz mestrado em linguística, e fui professora dessa matéria em uma faculdade particular durante dez anos. Não escrevo isso para dar meu currículo, mas para dizer que não desconheço o assunto: ler e escrever são para mim tão naturais quanto respirar, e conheço alguma teoria. Nosso idioma, o português do Brasil, me é íntimo, que-

rido, respeitado, amado — e está em mim como a própria alma. Aliás, a psique se reconhece, se analisa e se expressa através das palavras.

De vez em quando, inventa-se alguma reforma para essa sutil, forte e independente engrenagem. Passei por várias nesses muitos anos, as ortográficas em geral pífias, algumas muito malfeitas. Porém a gente se adapta, até por razões de ofício. Mas, por favor, não tentem defender nosso português de estrangeirismos: a língua não precisa ser defendida. Ela é soberana. Ela é flexível. Ela é viva. Nenhum gramático ou legislador, brilhante ou tacanho, poderá botar essa dama em camisa de força, nem a conter num regime policialesco. Ela continuará sua trajetória, talvez sacudindo a cabeça diante das nossas desajeitadas tentativas de controlá-la. Como dirá qualquer bom professor de português, ou qualquer linguista dedicado, estudioso, uma parcela imensa dos termos que hoje usamos, que por muito usados pela classe culta foram dicionarizados — o dicionário sempre corre atrás da realidade —, começaram como estrangeirismo. Não preciso citar, mas cito, garagem do francês, futebol do inglês, coquetel da mesma forma. A língua incorpora esses termos se são úteis, e os adapta ao seu sistema. Botou o “m” final em miragem, por exemplo, porque no nosso sistema as palavras não terminam em “age”.

Muitos termos não podem ser traduzidos: quem diz isso é esta velha tradutora que dedicou a isso milhares de horas de sua vida. E não é possível formar frases decentes, fluidas, claras, expressivas como devem ser as frases, se a cada “estrangeirismo” tivermos de fazer um rodeio, uma explicação da palavra intraduzível. Isso, além do mais, nos colocaria na rabeira do mundo civilizado e globalizado, onde palavras — como objetos de bom uso — circulam de um lado para outro, pousam aqui ou ali, adaptam-se, ou simplesmente passam. Quando não passam, é porque são necessárias, e acabam colocadas entre aspas ou em itálico. Línguas altamente civilizadas usam “estrangeirismos” livremente, sem culpa nem preconceito, como fator de expressividade. Isso nem as humilhou, nem as perverteu: ficaram enriquecidas. Nós é que precisamos lutar contra uma onda terceiro-mundista, uma postura de inferioridade que nos faz gastar energias que poderiam ser aplicadas em algo urgente como um orçamento vinte vezes maior para a educação do nosso povo.